

## A Livraria de JOÃO CHAGAS

**E**STÁ já arrolada e avaliada, em virtude do inventário judicial, a preciosa livraria que João Chagas coleccionou nos seus lares de ministro de Portugal em Paris e constituiu a parte mais importante da sua sucessão.

Qual seja o seu valor exacto, é prematuro dizê-lo, nem a soma global, que lhe atribui o perito, é conhecida do público. Supômos, no entanto, que, á vol d'oiseau, foi orçada entre 150 a 200 contos, quantias estas que serviriam de balizas para uma provavel negociação com o estado. A livraria do ilustre publicista é a colecção mais completa que até hoje se tem feito de autores estrangeiros sobre Portugal, ou matérias que se relacionam com Portugal. Superior á de Anibal Fernandes Tomás, que reunia muitas e valiosas especies desta natureza; superior, ainda, á da própria Biblioteca Nacional. Nestas condições seria imperdoável que tal colecção se perdesse, desbaratada em leilão, ou adquirida por particulares, sujeita a todas as imprevistas vicissitudes, mal, no entanto, preferível á da sua venda em hasta pública.

E seria imperdoavel não só porque difficilmente se poderá agrupar tantas e tão raras espécies, como merecer a memória de João Chagas este preito de parte do estado republicano. Quem privou com João Chagas nos ultimos tempos da sua vida conhece a paixão acrisolada que elle tinha pelos seus livros e o sobressalto que lhe causava e até embaraço, o destino que lhes daria, ou, mau grado seu, viriam a ter. Pensava em legá-los á Biblioteca Nacional, mas o casarão de S. Francisco parecia não lhe oferecer garantias suficientes. Amigos seus há ainda que lhe ouvi-

ram em momentos de impulsiva amizade:— Homem, vou deixar-lhe os meus livros, para não ficarem aos pontapés, ou serem dispersos por leiloeiros.— A morte surpreendeu-o sem que tivesse fixado á sua livraria um destino seguro e digno.

Um dos projectos que acalentava era fazer de todos esses autores que escreveram acêrca de Portugal um catalogo analítico, sorte de Manuel Bernardes Branco mais ampliado e concreto. Chegou até a propôr este trabalho a Julio Monteiro Aillaud,



João Chagas

com quem tratára, meses antes do falecimento, a edição completa das suas obras refundidas e aumentadas. O conhecido editor aceitára de braços abertos, havendo-lhe já tomado os Trabalhos Forçados, cujo aparecimento em três tomos está por breves dias.

Deste catalogo analítico restam notas esparsas, escritas algumas nas guardas dos próprios livros, trabalho este que poderá ser continuado desde que a livraria passe intacta ao Estado, a um só bibliófilo.

A livreria de Chagas vale pelo estado das espécies, que é ótimo, sendo poucos os livros picados da traça ou babados da humidade, e pelo numero das espécies raras. Certo é não se encontrar ali tudo o que saiu dos prélos estrangeiros sobre Portugal ou coisas portuguesas, ou ainda de portugueses.

Assim, por exemplo, tendo as obras de Zacuto, de Amato Lusitano, faltam-lhe as Opera omnia de Francisco Sanchez e os Dialogi di amore de Leão Hebreu.

Mas, em compensação, abunda em autores ingleses, e esses livros de viagens, admiravelmente ilustrados, que os catalogos maggs Brothers anunciam a altos preços, éle os reuniu ostentando boas e características encadernações. Por vezes, da mesma espécie encontram-se dois e três exemplos, adquiridos já com esta norma do bibliófilo: tornar rarissimo o livro raro.

Tradução de autores portugueses, os mais remotos no tempo, viagens em que houvessem referências a Portugal, enciclopédias que dessem a sua quota a Portugal, estudos parciais, éle os julgava com direito na sua colectanea e nela figuram. João Chagas acabára por ter o doce frenesim do coleccionador, e os seus ócios, as suas preocupações á margem da diplomacia, não eram outras senão enriquecer a sua estante. Para isso estava em relação com todos os livreiros do mundo e ia vasculhar nas mil e uma livrarias de Paris. Alguns dos seus achados são surpreendentes e inéditas revelações de bibliografia sobre Portugal.

Por todas estas circunstancias, o Estado tem a obrigação de ponderar qual o destino a deixar seguir a esta preciosa e unica colecção.



## A imitação na literatura

L'esprit d'imitation a produit  
les beaux-arts.

J. J. Rousseau.

PARA bem saber escrever é preciso aprender a imitar. A imitação é um exercício muito seguido pelos clássicos. E' uma questão vital para a formação do estilo. Mas ela não deve consistir unicamente em arranjar frases, como se remendam uns sapatos velhos, introduzindo-lhes epítetos novos, nem tão pouco em transpôr com habilidade qualquer trecho. Isso lança apenas poeira aos olhos dos ignorantes. La Fontaine, que foi um imitador de génio, deu-nos em belos versos uma boa lição:

Mon imitation n'est point un esclavage,  
Je ne prends que l'idée et les tours et les lois  
Que nos maîtres suivaient eux-mêmes autre-fois.

Servil, mata o talento; bem compreendida, aumenta-o, robustece-o.

Imitar um autor é estudar os seus processos de estilo, a originalidade das suas expressões, as suas imagens, o próprio movimento, a própria natureza do seu génio e da sua sensibilidade. E' apropriar-se do que éle tem de belo, traduzindo-o de outra forma. Imitar um prosador ou um poeta é penetrar o seu pensamento e transmiti-lo com liberdade; é formar o seu espirito, a sua linguagem, os seus hábitos de conceber, de imaginar, de compôr por um modelo com o qual tem analogia; é estudar a sua harmonia, o seu ritmo. Imitar não é de modo algum plagiar. Plagiar, para Stendhal Bayle, é roubar sem gosto e discernimento.